



ISSN: 1983-8379

O dialogismo em *Alexis ou o tratado do vão combate* de Marguerite Yourcenar

Alex Rezende Heleno¹

Nilson Adauto Guimarães da Silva²

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo discutir o dialogismo presente na obra *Alexis ou tratado do vão combate* de Marguerite Yourcenar. A obra é uma extensa carta escrita por Alexis, personagem central, e dirigida, a princípio, à sua esposa Mônica. Poder-se-ia pensar se tratar de um monólogo do personagem principal, tendo em vista que só ele “fala” / escreve, mas baseando-se nos estudos de Mikhail Bakhtin sobre a orientação dialógica do discurso verificaremos a presença da polifonia na fala de Alexis.

Palavras-chave: dialogismo; personagem; sociedade.

RÉSUMÉ : Ce travail a pour objectif d’analyser et discuter du dialogisme présent dans l’oeuvre *Alexis ou le traité du vain combat* de Marguerite Yourcenar. L’oeuvre est une très long lettre, écrite par Alexis, le personnage central, et adressée à son épouse Monique. On pourrait penser d’après ces informations que l’oeuvre est un monologue : il n’y a qu’Alex qui « parle »/écrit. Pourtant considérant les études de l’orientation dialogique du discours de Mikhail Bakhtin on pourra vérifier la présence de la polyphonie dans la parole du personnage.

Mots-clés : dialogisme ; personnage ; société.

Introdução

A leitura da obra permitiu, entre outras, a análise do dialogismo no discurso de Alexis, personagem central do romance. Além disso, observamos que a linguagem do personagem se adequa perfeitamente a suas características pessoais, pois vemos que a obra é escrita numa

¹Mestrando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Viçosa.

² Doutor em Letras Neolatinas - Literatura Francesa. Professor do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa.



ISSN: 1983-8379

época em que a linguagem erotizada é ainda sufocada por uma sociedade moral e religiosamente constituída.

Yourcenar, que trabalha a linguagem de forma verdadeiramente elaborada em *Alexis*, dá voz e independência ao personagem central. Alexis é contraído e meditativo prevalecendo no romance, portanto, a linguagem contida e muitas vezes o silêncio.

Com relação ao dialogismo aqui estudado percebemos que várias vozes perpassam o discurso do personagem central. Observamos que o discurso religioso e o discurso moralista impostos pela sociedade provocam em Alexis conflitos bastante violentos que o levam a atitudes muitas vezes extremas.

A atualidade da obra, que se trata de literatura estrangeira (escrita em língua francesa, cuja autora, nascida na Bélgica, foi a primeira mulher a fazer parte da Academia Francesa, e que viveu em vários outros países - cosmopolitismo que transparece em algumas de suas obras), é notável no romance, principalmente na realidade brasileira que é marcada por uma forte tradição religiosa e que possui uma sociedade moralista bastante intolerante a certos assuntos, como é o caso da sexualidade (homossexualidade). Fatos que se refletem na linguagem.

1. Autor e personagem: a linguagem em *Alexis ou o tratado do vão combate*

Em *Memórias de Adriano* (YOURCENAR, 1981), obra posterior a *Alexis ou o tratado do vão combate*, Yourcenar deixa uma passagem no caderno de notas verdadeiramente importante sobre a relação entre autor e personagem. Ela discorre sobre a escolha de se escrever a obra em primeira pessoa dizendo se tratar de um modo a evitar intermediários, ou seja, uma forma de dar liberdade ao personagem central da obra, *Adriano*, pois este poderia falar de sua vida com mais firmeza do que qualquer outra pessoa (YOURCENAR, 1974). Assim podemos entender a obra *Alexis ou o tratado do vão combate*, na qual mergulhamos a fundo na vida do personagem central. A autora o deixa livre para contar sua história. Em sua longa carta, Alexis reflete sobre sua condição e sua trajetória até o momento em que decide



ISSN: 1983-8379

escrever a sua “amiga” Mônica. A partir dessa narrativa, somos levados a conhecer seus conflitos expostos num longo diálogo consigo mesmo e com o mundo que o cerca.

Essa liberdade dada ao personagem também é visível em relação à linguagem. Notamos que Yourcenar trabalha brilhantemente as características do personagem adequando seu discurso à sua personalidade. No prefácio da segunda edição da obra a autora nos deixa a seguinte passagem:

(...) a linguagem decantada pareceu-me convir especialmente à lentidão meditativa e escrupulosa de Alexis. (...) o estilo decantado se ajustou perfeitamente ao seu pudor onde entra o respeito pela sensualidade em si e ao seu firme propósito de conciliar, sem baixaza, o espírito e a carne. (YOURCENAR, 1981, p. 9).

A linguagem também se adéqua ao tema proposto no livro, em que se deseja trabalhar o conflito individual pela “procura de uma liberdade sexual mais completa e menos corrompida por mentiras” (YOURCENAR, 1981, p. 10). Notamos que o discurso de Alexis é bastante velado. Os temas relativos à sensualidade/sexualidade do personagem não são expostos de forma evidente, o que vai a encontro das características pessoais do personagem. É o que nos traz Dominique Maingueneau sobre a relação da linguagem com o sentido da obra:

Se a relação que a obra mantém com a diversidade linguística é parte integrante da criação, encontramos-nos na mesma situação que no caso do gênero: o autor não situa sua obra em um gênero mais do que o situa em uma língua. Não existe, por um lado, conteúdos e, por outro, uma língua neutra que permitiria veiculá-los, mas a maneira como a obra gere a língua faz parte do sentido dessa obra. (MAINGUENEAU, 2001, p.104)

A partir das características intimistas de Alexis notamos que sua linguagem se torna restrita justamente pela necessidade de conter seu discurso e omitir assuntos que ainda são confusos até mesmo para si. O estudo e a prática da música se tornam uma forma de expressar seus sentimentos e romper até certo ponto com esse silêncio imposto por si mesmo e pelos que o cercam.

O silêncio é, portanto, expressivo no romance, pois representa a contenção do personagem diante de todas as imposições morais e religiosas da sociedade, além da contenção de assuntos ligados à sexualidade (homossexualidade) tidos como proibidos e não aceitos pelo meio em que vivia:

Minha infância foi solitária e silenciosa, tornando-me tímido e, conseqüentemente, taciturno. Basta dizer que te conheço (Monica) a quase três anos e só agora ousou

3



ISSN: 1983-8379

falar-te de mim pela primeira vez! E ainda assim porque esta carta tornou-se inadiável. É terrível que o silêncio possa ser uma falta, a mais grave das minhas faltas. Mas eu a cometi. Antes de tê-la cometido para contigo, eu a cometi para comigo mesmo. (YOURCENAR, 1981, p. 27)

O silêncio de Alexis para consigo mesmo é a não aceitação de sua homossexualidade, o que o leva a um conflito existencial, um choque entre o desejo do corpo e da mente e entre a necessidade de não fugir ao comportamento moralmente aceito. Por outro lado o silêncio pode evidenciar que alguma coisa não está bem, algo angustiante está acontecendo, pois como nos diz Alexis “existem muitas coisas que exprimimos melhor pelo silêncio.” (YOURCENAR, 1981, p.78)

Refugiar-se na música foi uma solução encontrada por Alexis para aliviar o peso dos conflitos que o sobrecarregava: “A música me transporta para um mundo no qual a dor não cessa de existir, mas solta-se e tranqüiliza-se, tornando-se ao mesmo tempo mais serena e mais profunda como uma torrente que se transmuda em lago.” (YOURCENAR, 1981, p. 80). Ela se torna uma tentativa de reencontrar-se, de sintonizar corpo e mente.

Mas o personagem central da obra tem consciência de que é “perigoso nos expormos às emoções da arte a partir do momento em que decidimos fugir às emoções da vida real.” (YOURCENAR, 1981, p.108), pois corre-se o risco de se isolar do mundo, de não mais querer enfrentar os problemas que nos afligem.

O tema da sexualidade / homossexualidade de Alexis abordado na obra poderia passar despercebido por um leitor menos atento, visto que ao escrever sobre esse assunto o personagem constrói um discurso bastante implícito. Alexis não tenta esconder a verdade, mas se adéqua ao contexto social e moral de sua época que via na homossexualidade algo condenável, anormal, não-natural, uma perversão, uma imoralidade.

Alexis, após muitas reflexões, se mostra consciente da realidade que o cerca, da aura de moralidade e religiosidade presentes em seu contexto e por isso se diz diferente de todos, ou seja, não segue os padrões tidos como normais pela religião e confirmados pela sociedade no que se refere à sexualidade.

O vocabulário do personagem quanto aos temas ligados à homossexualidade oscila constantemente entre os termos “tendência” e “instinto”, eufemismos recorrentes na carta, ou ainda “tentação”, “fraqueza” e “assombro”. O que mostra o choque entre seus desejos e sua



ISSN: 1983-8379

formação religiosa. Na concepção de Alexis (pelos menos em certos momentos de sua vida relatados na carta) seus pensamentos e desejos constituíam pecados contra a moral religiosa.

Criado em uma família constituída essencialmente por mulheres (o pai de Alexis faleceu quando ele ainda era muito novo) e tendo na mãe o referente principal de autoridade familiar, Alexis passa sua infância ao lado de suas irmãs e das amigas delas. Esse fato não justifica sua homossexualidade, mas pode ter sido um ponto favorável no que diz respeito à sua formação sexual. Quando o personagem diz que: “Não nos apaixonamos por aquelas a quem respeitamos, nem mesmo por aquelas a quem amamos. E, acima de tudo, não nos apaixonamos pelos nossos iguais. E não era certamente das mulheres que eu me sentia diferente.” (YOUCCENAR, 1981, p. 37), ele confessa seus desejos homossexuais de forma bastante implícita.

As atitudes de Alexis nos mostram o conflito relativo à sua sexualidade. Em alguns momentos ele tenta se confessar, se abrir com pessoas próximas a ele, mas as situações não o favorecem e seu medo de reprovação o impede de ir em frente “Parecia-me quase certo que uma confissão ia fluir de mim para minha mãe (...). O momento e a hora haviam passado. Já não lhe podia dizer mais nada porque não suportaria a expressão do seu rosto quando tudo tivesse compreendido.” (YOURCCENAR, 1981, p.61). Temos na passagem mais um exemplo dos limites impostos ao discurso.

Aqui podemos introduzir o conceito de paratopia proposto por Maingueneau:

A pertinência ao campo literário não é, portanto, a ausência de qualquer lugar, mas antes uma negociação difícil entre o lugar e o não-lugar, uma localização parasitária, que vive da própria impossibilidade de se estabilizar. Essa localidade paradoxal, vamos chamá-la paratopia. (MAINGUENEAU, 2001, p. 28)

Alexis se encontra nessa localidade paradoxal / paratópica num constante conflito entre o lugar e o não-lugar, entre a dificuldade de decidir se segue a moral da sociedade ou seus desejos como indivíduo. Ele se sente deslocado do mundo que o cerca.

Maingueneau discorre também sobre a paratopia do escritor:

A situação paratópica do escritor leva-o a identificar-se com todos aqueles que parecem escapar às linhas de divisão da sociedade: boêmios, mas também judeus, mulheres, palhaços, aventureiros, índios da América..., de acordo com as circunstâncias. Basta que na sociedade se crie uma estrutura paratópica para que a criação literária seja atraída para a sua órbita. (MAINGUENEAU, 2001, p. 36)



ISSN: 1983-8379

Pode-se dizer, portanto, que a obra de Yourcenar centra-se nessa estrutura paratópica criada pela sociedade abordando o tema da homossexualidade o qual escapa às linhas de divisão dessa mesma sociedade.

2. O dialogismo na obra

A obra de Yourcenar trabalha a enunciação do texto de acordo com o meio social ao qual ela está inserida. Ela nos traz os conflitos surgidos a partir das imposições de uma moral dos bons costumes por meio da contenção da linguagem de Alexis, ou seja, nem tudo pode ser dito ou vivido, pois corre-se o risco de infringir a convenção social. Representa-se, conseqüentemente, o diálogo entre a obra e o contexto a partir do qual foi criada. O que vai a encontro dos estudos de Maingueneau:

A obra só se constitui implicando os ritos, as normas, as relações de força das instituições literárias. Ela só pode dizer algo do mundo inscrevendo o funcionamento do lugar que a tornou possível, colocando em jogo, em sua enunciação, os problemas colocados pela inscrição social de sua própria enunciação. (MAINGUENEAU, 2001, p. 30)

Os estudos de Mikhail Bakhtin nos orientam, também, sobre as proposições relativas ao caráter monológico e dialógico do romance. O primeiro está relacionado ao autoritarismo do autor que faz com que sua voz seja o discurso da verdade dentro da obra, não respeitando, portanto, a individualidade do personagem. O segundo aborda uma realidade em transformação, algo inacabado, no qual o autor dá voz ao personagem que é apresentado num processo de evolução, tornando-se agente de sua própria consciência. (Cf. BRAIT, 2007, p.191-200).

Além disso, Bakhtin nos alerta sobre a tentativa de se interpretar uma obra exclusivamente pela análise biográfica do autor. Esse é um modo restritivo de buscar o entendimento do romance. Seria confirmar o monologismo de tal obra, pois esta seria reduzida a visão e à voz do autor:

Negamos apenas o enfoque sem nenhum princípio, puramente factual desse tema, que atualmente domina sozinho e se funda na confusão de autor-criador, elemento da obra, com o autor-pessoa, elemento do acontecimento ético e social da vida, e na incompreensão do princípio criador da relação do autor com a personagem; daí

6



ISSN: 1983-8379

resultam a incompreensão e a deformação – no melhor dos casos a transmissão de fatos apenas – da personalidade ética, biográfica do autor por um lado, e a incompreensão do conjunto da obra e da personagem, por outro. (BAKHTIN, 2003, p.9).

Entender uma obra como dialógica é perceber a individualidade do personagem, é reconhecer sua formação e transformação dentro do meio social em que está inserido e, portanto, entender que o discurso deste é perpassado pelo discurso do outro.

Assim como em *Memórias de Adriano* (YOURCENAR, 1981), podemos dizer que Yourcenar dá liberdade a Alexis para que esse nos exponha toda a sua angústia e todo o choque do seu ser com as imposições de uma sociedade moralista e religiosa. O que a princípio se pensa ser um monólogo, pois a longa carta é escrita por um indivíduo e dirigida a sua esposa, Mônica (que inicialmente se torna conhecida somente pelo que nos conta Alexis e que aparentemente não tem nenhuma participação no discurso) pode ser refutado quando se discute a obra a partir das definições de Bakhtin a cerca da polifonia, do dialogismo.

Com Bakhtin podemos concluir que a obra é um diálogo ao partirmos de sua análise do dialogismo na obra de Dostoiévski:

Em toda parte há certa interseção, consonância ou intermitência de réplicas do diálogo aberto com réplicas do diálogo interior das personagens. Em toda parte certo conjunto de ideias, pensamentos e palavras se realiza em várias vozes desconexas, ecoando a seu modo em cada uma delas (...) o objeto das intenções é precisamente a realização do tema em muitas e diferentes vozes, a multiplicidade essencial e, por assim dizer, inalienável de vozes e a sua diversidade. (BAKHTIN, 2003, p. 199).

E assim entendemos a obra de Yourcenar, como um diálogo do personagem central seja consigo mesmo seja com seus destinatários que a princípio estão designados apenas por um, sua “amiga” Mônica (uma amiga na visão de Alexis, que não a via mais como sua esposa, mas que mantinha um grande sentimento de amizade por ela, o que o motivou a escrever sua carta para pedir perdão). Conclui-se, também, se tratar de uma explicação e, ao mesmo tempo, uma resposta a toda a sociedade que está sempre cobrando do indivíduo o seu enquadramento dentro de um padrão que é aceito e que é tido como exemplo para a comunidade.

Nessa resposta à sociedade moralista, Alexis diz que por muito tempo viveu segundo a moral dos outros (“Não soubeste e não viste de mim senão as apreensões e os temores, os remorsos e os escrúpulos da consciência (não da minha), mas da consciência dos outros que



ISSN: 1983-8379

tomei por diretriz.”) (YOURCENAR, 1981, p. 122), ou seja, o personagem reprimiu por um longo período sentimentos e atitudes que não se adequavam aos “bons costumes” num intenso conflito interno, provocado pelo choque de imposições e exigências externas, o que o levou quase a uma repulsa do próprio corpo. O personagem chegou a pensar até na possibilidade de suicídio.

Alexis torna-se um adulto que se debate frente aos mistérios de sua personalidade, cada vez mais impulsivo e recalcado. Ele vive sob uma tensão dualista: casou-se por convenção a uma mulher (seja para agradar a família ou a sociedade, ou mesmo por medo de ser discriminado e isolado – tido como um pervertido, um imoral) enquanto que seu desejo profundo, sua natureza enquanto indivíduo é a homossexualidade. Ele tem consciência de sua personalidade diferente, mas teme assumi-la, oscilando entre o recalco de sua falta (sentimento de culpabilidade, de pecado que transparece em seu discurso) e o abandono de seus desejos. Seu discurso se divide constantemente entre confissão e culpa.

Por isso, percebemos também um diálogo/resposta à tradição religiosa em que por muito tempo Alexis viveu. Em sua confissão/carta ele menciona constantemente que foi criado no seio de uma família de costumes religiosos: “Minha educação severa em parte explicava esse fato, mas creio que havia muito mais coisas naquela repulsa do que uma simples prova de inocência.” (YOURCENAR, 1981, p. 42)

Alexis encontra-se inserido nessa tensão dialógica que põe em conflito seus pensamentos e os pensamentos de outrem. De acordo com Bakhtin temos:

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo o discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. (BAKHTIN, 1993, p.88)

A homossexualidade é igualmente permeada por um léxico religioso de conotação depreciativa: “pecado”, “falta” que apresenta o personagem, dentro de seu contexto sócio-cultural, como moralmente culpado por apresentar desejos e vontades diferentes dos demais sujeitos da sociedade.

A noção de pecado imposto pela religião causava sofrimentos absurdos no íntimo do personagem. A aceitação de si próprio, de um indivíduo que se vê diferente numa sociedade



ISSN: 1983-8379

repressora, numa sociedade que não aceita as diferenças no que se refere à sexualidade, é conquistada depois que o personagem, num longo diálogo, deseja viver segundo sua própria moral: “Não tendo podido viver segundo os preceitos da moral estabelecida, procuro, pelo menos, estar de acordo com a minha própria. No momento em que decidimos renegar todos os princípios, é conveniente que conservemos, no mínimo, os escrúpulos.” (YOURCENAR, 1981, p.123), culminando na aceitação ou pelo menos na compreensão de que sua sexualidade deve em primeiro lugar ser respeitada por si mesmo:

Prefiro o erro (se é erro) à negação de si mesmo que é o limite da demência. A vida me fez aquilo que sou, isto é, prisioneiro (se assim se quer) de instintos que não escolhi, mas aos quais me resigno e me entrego. À falta da felicidade, essa aceitação, assim espero, me proporcionará a paz. (YOURCENAR, 1981, p. 123)

Abandona-se a visão de uma religião muitas vezes mal interpretada e mal praticada pelos homens e deixa-se, também, de fazer parte do modelo requerido pela sociedade, que leva ao apagamento do individual, visto que conduz a uma massificação de atitudes e comportamentos. Ao se ver como indivíduo, não mais tentando se adequar ao pensamento coletivo, Alexis compreende melhor e percebe de outra forma sua vida.

Assim a carta termina com uma ruptura dupla: ruptura com os outros, ou seja, com a sociedade (representada aqui, sobretudo na figura de Monica que encarna as convenções sociais), com a religião (“... e minhas idéias religiosas compeliavam-me a ver no casamento o único ideal inocente e permitido.”) (YOURCENAR, 1981, p. 98) e, também, ruptura com uma existência falsa e cercada por mentiras. Sua carta de confissão o permite descobrir e reconquistar sua identidade, reestruturando a imagem de si e conformando-a com sua natureza: “Posso dizer-te que amava a vida. E foi em nome da vida, isto é, do meu futuro, que me esforcei por reconquistar-me a mim mesmo. (...) Passei pela obsessão do suicídio, como passei por outras ainda mais abomináveis.” (YOURCENAR, 1981, p. 78)

Antes de sua aceitação Alexis “Odiava aquele espelho por infligir-me minha própria presença.” (YOURCENAR, 1981, p. 75), ou seja, infligir uma falsa imagem a qual desejava passar à sociedade. Mas, com a compreensão de sua realidade como homossexual, Alexis reestrutura e restaura sua imagem, conciliando corpo e espírito. Se torna capaz de confessar-se e dizer a verdade, como se ajustasse um pacto consigo mesmo.



ISSN: 1983-8379

Por fim, podemos ver a obra *Alexis ou o tratado do vão combate* como um romance de formação, estruturando as várias etapas das mudanças ocorridas no íntimo do personagem central. Mudanças importantes para a compreensão e o respeito à individualidade no que se refere às escolhas que devemos fazer a todo momento. É o que nos diz Bakhtin:

Paralelamente a esse tipo dominante e maciço (a personagem é uma grandeza constante na fórmula do romance), existe outro tipo de romance incomparavelmente mais raro, que produz a imagem do homem em formação. Em contraposição à unidade estática, aqui se fornece a unidade dinâmica da imagem do personagem. O próprio herói e seu caráter se tornam uma grandeza variável na fórmula desse romance. A mudança do próprio herói ganha significado de enredo e em face disso reassimila-se na raiz e reconstrói-se todo o enredo do romance. O tempo se interioriza no homem, passa a integrar a sua própria imagem, modificando substancialmente o significado de todos os momentos do seu destino e da sua vida. Esse tipo de romance pode ser designado no sentido mais amplo como romance de formação do homem. (BAKHTIN, 2003, p. 220)

O romance de Yourcenar pode, portanto, ser interpretado como um diálogo com várias entidades sociais, pois “serve-se duplamente de todas as formas dialógicas de transmissão da palavra do outro, elaboradas na vida cotidiana, e nas relações ideológicas não literárias as mais variadas.” (BAKHTIN, 1993, p. 154) Essas formas dialógicas são representadas através dos enunciados dos personagens e através de suas ideologias “e também nos gêneros intercalares – nos diários, nas confissões, nos artigos de jornal, etc.” (BAKHTIN, 1993, p. 154)

3. A atualidade da obra

O tema abordado pela obra de Yourcenar é um campo onde surgem várias questões problemáticas ligadas à religião e à moral e, conseqüentemente, à aceitação por parte da sociedade das diferenças no que se refere à sexualidade do indivíduo. É o que comprovamos com Maingueneau:

Longe de enunciar num solo institucional neutro e estável, o escritor alimenta sua obra com o caráter radicalmente problemático de sua própria pertinência ao campo literário e à sociedade. Não é uma espécie de centauro, uma parte do qual estaria imersa na gravidade social e a outra, a mais nobre, voltada para as estrelas, mas alguém cuja enunciação se constitui através da própria impossibilidade de se designar um ‘lugar’ verdadeiro. (MAINGUENEAU, 2001, p. 27)



ISSN: 1983-8379

Na longa carta deixada por Alexis à sua esposa (por convenção) Monica o objetivo é revelar e explicar sua identidade sexual. O personagem apresenta sua trajetória e seus conflitos provocados por uma crise de identidade. Angustia-se profundamente por ter, inicialmente, sufocado seus desejos (homossexuais) para atender às expectativas de um coletivo (família e sociedade).

Em relação a esse tema, Yourcenar nos deixa uma passagem muito importante no prefácio da segunda edição do romance, quando nos fala da atualidade da obra. Da primeira edição (1929) para a segunda (1971) mais de quarenta anos se passaram, mas a autora prefere não fazer modificações alegando duas razões principais: uma pelo fato da obra estar ligada a um momento da história, a certo meio e a uma região cujo ambiente era fortemente ligado à atmosfera da Europa Central e francesa; a outra razão se trata justamente de certa atualidade do tema abordado. (YOURCENAR, 1981, p.05-06).

Ainda hoje, o tema é cercado de atitudes preconceituosas e de uma visão moralista e religiosa que parece não estar aberta à possibilidade de uma visão diferenciada da individualidade, do mundo erótico e sexual, seja na linguagem seja no comportamento. Vive-se sob uma aura de proibição em relação a assuntos que são totalmente naturais por se tratarem do nosso corpo, da nossa sensualidade. Cria-se, mesmo, tabus linguísticos.

Alexis ainda é a voz de muitos (as) jovens que passam por situações semelhantes à sua: “Basta olharmos atentamente em torno de nós para nos apercebermos de que o drama de Alexis e Mônica não cessou de ser vivido e continuará a sê-lo sem dúvida, enquanto o mundo das realidades sensuais permanecer cerceado e castrado por proibições.” (YOURCENAR, 1981, p. 6). Tal situação, hoje, é acentuada pela perda constante da individualidade, do ser pensante por si próprio, que busca seu modo de se sentir bem em primeiro lugar consigo mesmo, e que não se deixa tornar vítima das imposições massificadoras que são divulgadas por toda parte.

O respeito pelas diferenças, de um modo geral, é algo que deve ser cultivado pela sociedade, que deve acima de tudo respeitar a individualidade e os diferentes pensamentos. Entender a homossexualidade como algo natural, é um passo difícil, visto que há séculos esse tema é tido como condenável, não-natural, o que prevalece ainda hoje. Acrescenta-se a esse fato a associação da homossexualidade com o uso de drogas, com a promiscuidade e muitas

11



ISSN: 1983-8379

vezes até com a pedofilia. Essa visão deve ser mudada assim como se deve mudar a visão sobre os aspectos referentes à sexualidade, como nos apresenta Anthony Giddens:

A emancipação sexual, penso eu, pode ser o meio para se conseguir uma reorganização emocional mais abrangente da vida social. Entretanto, o significado concreto da emancipação neste contexto não é, como propunham os radicais sexuais, um conjunto substantivo de qualidades psíquicas ou formas de comportamento. Ela é mais efetivamente compreendida como uma forma de ação, como a possibilidade da democratização radical da vida pessoal. Não é apenas a sexualidade que está em jogo aqui. A democratização da vida pessoal como um potencial estende-se de um modo fundamental às relações de amizade e, crucialmente, às relações entre pais, filhos e outros parentes. (GIDDENS, 1993, p. 200)

É preciso romper com essa visão limitada sobre a sexualidade, principalmente, em relação à questão de gênero (machismo), em que é aceito o fato de que um homem pode ter várias parceiras antes e até mesmo depois do casamento e que a mulher não deve ser promíscua, ou seja, não ter atividade sexual constante, caso contrário, corre-se o risco de ser mal vista pela sociedade. É, também, um passo importante para se ter uma nova visão sobre a homossexualidade e deixar de lado os estereótipos propagados a todo o momento.

O Brasil passa atualmente por um momento importante de discussão em relação à homossexualidade. Discutem-se os direitos homossexuais. É um tema polêmico, visto que o país é fortemente influenciado pelo pensamento religioso, que condena a homossexualidade e mantém a visão de que Deus criou o homem e a mulher para que haja a procriação. É importante estar atento aos discursos propagados, pois muitos não apresentam um pensamento razoável.

Considerações finais

A obra se revela importante por nos mostrar uma sociedade em evolução, mas que mantém certos tabus linguísticos e certa moral retrógrada com proibições muitas vezes infundadas. Revela-nos, também, a perda da individualidade numa sociedade que valoriza a massificação do pensamento e do comportamento. Traz um diálogo com o discurso religioso que causa conflitos interiores absurdos a partir da imposição da noção de pecado.



ISSN: 1983-8379

O presente artigo desenvolveu, a partir dos trabalhos de Bakhtin, a noção de dialogismo presente no romance. Esse dialogismo pode, em trabalhos futuros, ser ampliado para o diálogo (intertextualidade) da obra com outros autores e outras obras. A própria Yourcenar nos explicita pontos de intertextualidade com a obra de André Gide. Outros pontos de contato com a obra existencialista do filósofo Sören Aabye Kierkegaard também poderão ser estabelecidos.

O tema da sexualidade (homossexualidade) ainda é carregado de preconceitos, seja no nível linguístico seja no comportamento do indivíduo. É comum (embora esteja havendo uma mudança considerável) submeter-se as imposições da família e da sociedade e deixar de lado os desejos de viver uma vida segundo os próprios preceitos. Abandonam-se os desejos do corpo e da mente para se enquadrar em um “padrão” imposto e perpetuado pela sociedade.

O conflito surgido a partir desse embate indivíduo-sociedade gera uma profunda angústia no ser, o que pode levar um indivíduo a atitudes extremas como é o caso do suicídio. O indivíduo deve começar por reconhecer e respeitar sua sexualidade e então saber discernir entre os absurdos da moral e o que é relevante para se viver uma vida mais livre e menos castrada por proibições.



ISSN: 1983-8379

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora Fornoni Bernadini, José Pereira Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena Spryndis Nazário, Homero Freitas de Andrade. 3ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 1993.

BRAIT, Beth. (org.). *Bakhtin – conceitos chave*. Contexto: São Paulo, 2007.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GUSLEVIC, Caroline. *Étude sur Marguerite Yourcenar: Alexis ou Le traité du vain combat*. Ellipses Édition Marketing S.A., Paris, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária: enunciação, escritor, sociedade*. Tradução de Marina Appenzeller. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

YOURCENAR, Marguerite. *Memórias de Adriano*. Tradução de Martha Calderaro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

_____. *Alexis ou o tratado do vão combate*. Tradução de Martha Calderaro; Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

_____. *Alexis ou le traité du vain combat*. 2ª ed. Barcelona, Ed. Novoprint, 2008.